



FAXINFORME

CLIPPING

Tiragem: 33.400

Área: 1628cm²/ 65%

Exame



Data: 01.08.2012

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores **Pág:**4;48;49;50;51

4 8

**Patrick Monteiro
de Barros**

O pesadelo da
Petroplus chega ao fim



FAXINFORME

CLIPPING

Exame

Tiragem: 33.400

Área: 1628cm²/ 65%

Data: 01.08.2012

Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:4;48;49;50;51



ESPECIAL BILIONÁRIOS

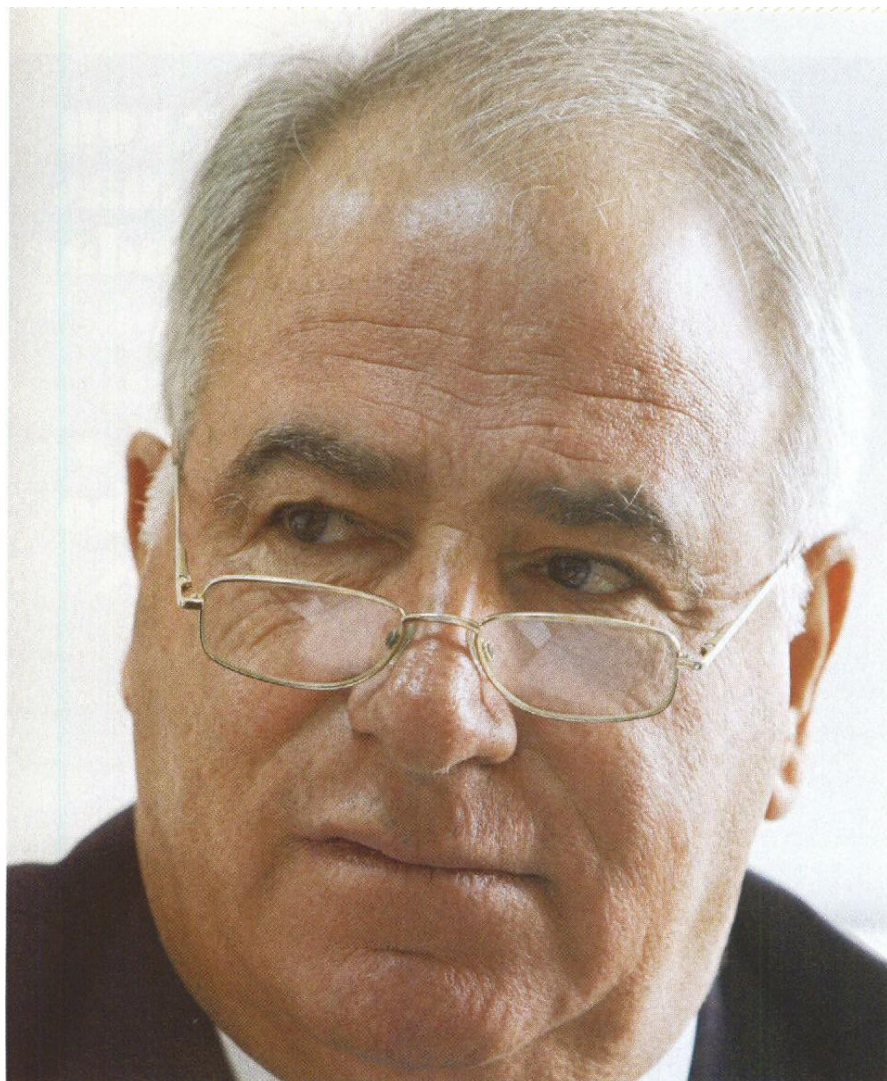


milhões



milhões

São ricos, ainda. Mas os negócios não lhes estão a correr de feição. Da falência da Petroplus, em que Patrick Monteiro de Barros era acionista, à derrocada do mercado de capitais que torrou milhões a Joe Berardo e às dificuldades de financiamento de Manuel Fino, eis o retrato de três empresários que não estão nos seus melhores momentos



PESADELO DA PETROPLUS CHEGA AO FIM

O maior grupo refinador independente europeu está a ser desmantelado. **Patrick Monteiro de Barros** diz que era difícil ter outra solução. Nos restantes negócios, “abranda o ritmo”. Texto **J. F. Palma-Ferreira**

Longe vai o tempo em que as refinarias de petróleo foram os melhores negócios do mundo. Hoje, transformaram-se em verdadeiras roletas russas que fazem e desfazem fortunas da noite para o dia. Basta uma variação desfavorável na cotação internacional da gasolina e do gasóleo para transformar o produto de 24 horas de laboração de uma refinaria numa gigantesca dor de cabeça para os seus gestores.

O problema assume proporções ainda mais complicadas se as perdas de um dia, com margens de refinação negativas, forem replicadas durante uma semana. Mantendo a mesma lógica, não é difícil pegar numa calculadora para fazer contas ao custo de funcionamento de uma refinaria que viva um mês inteiro com margens negativas. Uma unidade destas, que processe 220 mil barris de petróleo diários, se estiver vários meses a operar sem margens positivas causa um “rombo” financeiro a qualquer grupo petrolífero. Pior: para um grupo que não produz petróleo e se dedica exclusivamente à refinação, a falência será quase inevitável. Vários grupos refinadores europeus independentes estão a ser confrontados com esta dura realidade. Alguns encerraram refinarias. Outros faliram e estão a ser executados pelos credores.

Foi o que aconteceu com o grupo Petroplus – sediado na Suíça –, onde Patrick Monteiro de Barros detinha uma participação e do qual foi presidente não executivo (*chairman*). Trata-se da derrocada do maior grupo refinador independente ▶



ESPECIAL BILIONÁRIOS

► criado na Europa. Com refinarias no Reino Unido, em França, na Alemanha, na Suíça e na Bélgica, a Petroplus tem tido uma verdadeira legião de administradores judiciais e representantes de credores a acompanharem o seu processo de falência e alienação de ativos industriais.

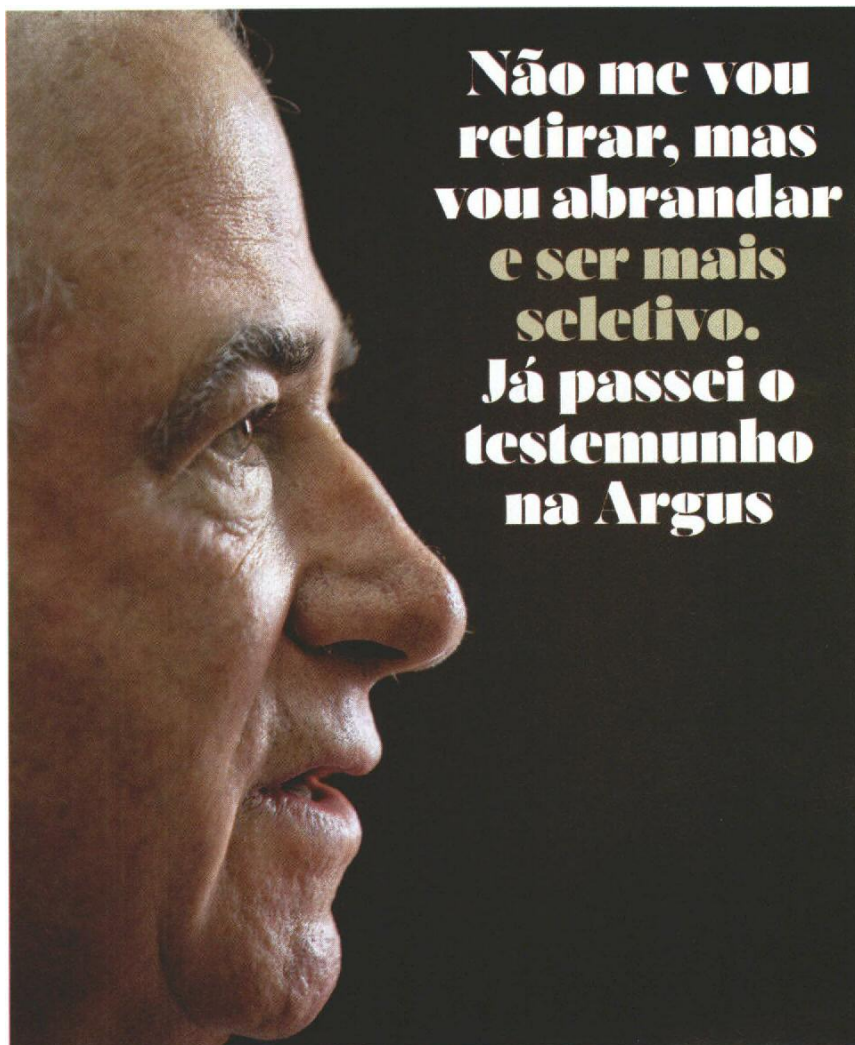
Apesar dos acionistas da Petroplus reconhecerem que o seu grupo tinha deixado de ser gerível, há vários “tubarões” do petróleo que começaram a “retalhar” os seus principais ativos, apresentando propostas de compra das refinarias que mais lhes interessam.

“Tubarões” russos

Um desses “tubarões” é a Gunvor, sediada em Genebra, que também formalizou uma proposta para compra da refinaria alemã da Petroplus em Ingolstadt – cuja atividade tinha parado em fevereiro. O objetivo da Gunvor é verticalizar a sua atividade na fileira petrolífera, para conquistar uma dimensão internacional. Passo a passo, tem vindo a executar esta estratégia desde 2003, quando entendeu que deveria ariscar o tirocínio internacional para deixar de ser um operador regional que comprava e vendia petróleo russo. Outro grupo que segue objetivos semelhantes é a Vitol – um dos três líderes mundiais do *trading* de energia, juntamente com a Glencore e a Trafigura –, que manifestou interesse em comprar uma refinaria suíça à Petroplus. Mas enquanto a Vitol, a Glencore e a Trafigura seguem a estratégia pura e dura dos *traders* petrolíferos globais a Gunvor parece querer vencer no mesmo terreno em que a Petroplus não vingou.

Todas estas empresas começaram a investir em capacidade refinadora. A Vitol já conquistou uma capacidade de refinação petrolífera de 160 mil barris diários de petróleo – tem uma unidade nos Emirados Árabes Unidos, em Fujairah, outra na Suíça, em Cressier, e outra na Bélgica, em Antuérpia. A Trafigura decidiu comprar uma participação numa refinaria indiana com capacidade de refinar 121 mil barris diários. Mas nesta “guerra”, a Gunvor “correu” mais depressa e com as compras à Petroplus terá assegurado uma capacidade de refinação de 200 mil barris diários.

Recuando uns anos, na melhor fase da Petroplus, antes de eclodirem os problemas



atuais, o grupo de Monteiro de Barros conseguiu ir muito mais longe. Só a sua refinaria de Coryton, em Essex, tinha capacidade para abastecer 10% do mercado britânico. Porém, a Petroplus não conseguiu travar a adversidade que se seguiu e que Monteiro de Barros designa como uma “*perfect storm*”.

O golpe fatal para a Petroplus coincidiu com a mudança do regime na Líbia. Com a queda de Kadafi, são-lhe cortados os fornecimentos de petróleo líbio, numa altura em que as margens de refinação europeias já estavam francamente negativas. Sem os dez a 12 carregamentos mensais de petróleo líbio e sem acesso a cartas de crédito que lhe permitissem comprar carregamentos de petróleo alternativos, a Petroplus colapsou de vez.

É certo que foram conjugados muitos fatores desfavoráveis, mas a verdade é que a sorte é decisiva nos negócios e sem ela o grupo de acionistas da Petroplus não conseguiu levar o seu conjunto de refinarias europeias ao patamar internacional onde a Gunvor agora parece querer chegar.

Ascensão de Timchenko

Então, qual é a origem da “sorte” da Gunvor? Surge da parceria criada por um russo e um sueco. Melhor: criada por um arménio russo – agora naturalizado finlandês, de seu nome Gennady Nikolayevich Timchenko, residente em Genebra – e pelo seu sócio sueco, Torbjorn Tornqvist. A primeira fase da vida da Gunvor ficou confinada a negociar petróleo russo (onde



depressa controlou um terço deste mercado), mas agora quer disseminar a sua presença em toda a Europa.

O percurso de Timchenko tem sido fulgurante. A sua infância humilde passada na ex-Repubblica Democrática Alemã e na Ucrânia contrasta com o estatuto de magnata a que já ascendeu, distinguido internacionalmente entre os principais oligarcas russos do mundo dos negócios. Em 2008, a revista *Forbes* colocou a sua fortuna no 43.º lugar do *ranking* dos russos mais ricos (avaliada em 2,5 mil milhões de dólares), mas, em 2012, subiu para o 12.º lugar deste *ranking*, aumentando a sua fortuna para 9,1 mil milhões de dólares.

Fazendo um balanço aos últimos anos, Monteiro de Barros reconhece que o negócio da refinação definiu durante a última década, tornando-se uma atividade muito arriscada para os pequenos grupos independentes que não trabalham suportados em grandes organizações, nem têm acesso às altas margens proporcionadas pela produção petrolífera.

O empresário considera que este problema não é exclusivo da União Europeia. “A refinação de petróleo na Europa e mesmo nos Estados Unidos está em crise”, diz. E explica porque: “Tal resulta, em grande parte, do excesso de capacidade disponível, da redução da procura (entre outras razões, provocada pelo prolongamento da crise, pelo aumento das exigências das normas ambientalistas, pela aplicação de novos impostos, como a *carbon tax* e pelo impacto dos biocombustíveis no preço de venda ao público) numa conjuntura em que as margens brutas estão muito degradadas, e a margem do processo de refinação foi esmagada (o designado *crack* do Brent) que passou de um nível médio de 6% do valor global de petróleo processado para 2 dólares por barril em poucos anos.”

Neste enquadramento, diz, “o refinador independente, que não tem o respaldo da atividade de exploração e produção de crude dos grandes grupos petrolíferos – onde as margens são excelentes –, sente as maiores dificuldades”.

Além desses fatores ainda há que “ter em conta a concorrência dos países produtores de crude, como a Arábia Saudita, que tem várias refinarias ultramodernas que só exportam para a Europa e a Ásia, mas

que não têm a *carbon tax*, nem são oneradas com encargos decorrentes das normas ambientais que vigoram na Europa e nos Estados Unidos”, explica o empresário.

Concorrência asiática feroz

Mas os problemas de concorrência “feroz” na refinação alastram a outras geografias. Há vários outros países com fortes concorrentes neste setor que arrasam a atividade dos refinadores europeus. “As novas refinarias indianas têm a vantagem de ter custos de produção imbatíveis. Por exemplo, na refinaria do grupo indiano Reliance, um engenheiro de nível 3 com diploma indiano e americano ganha menos do que um estivador no Porto de Marselha”, comenta Monteiro de Barros.

As consequências deste “desequilíbrio” geográfico começam a ter efeitos devastadores, levando à falência os grupos independentes criados na União Europeia. Nos últimos tempos, fecharam várias refinarias na Europa e nos Estados Unidos. Patrick Monteiro de Barros refere que algumas das refinarias da Petroplus que vão ser vendidas “arriscam-se a acabar por ser transformadas em ‘superdepósitos’ para importação de refinados asiáticos ou para armazenagem de crude”.

Relativamente às refinarias da Petroplus que foram vendidas aos grupos Vitol e Gunvor, Monteiro de Barros considera que “devem continuar a operar – salvando assim o emprego das pessoas que nelas trabalham – porque os valores de compra são muito inferiores ao valor de substituição”.

Vêm aí novos encerramentos

Sobre as refinarias que continuam a laborar, apesar de manterem margens de refinação negativas, o empresário admite que a curto e a médio prazos haverá “mais encerramentos e concentrações”. Além disso, considera que “num horizonte de dez anos, as importações de refinados terão um peso importante no abastecimento europeu”. Vários organismos admitem esta inevitabilidade, entre eles o *white paper* da União Europeia sobre a refinação de combustíveis e os vários alertas da Europa – European Petroleum Industry Association. Gradualmente, todos os países da União Europeia vão abrir “portas” à importação de refinados oriundos de re-

finarias asiáticas, e isso parece uma inevitabilidade para o empresário português.

No caso específico de Portugal, Monteiro de Barros diz que o investimento no país ainda é penalizado pelo facto da economia nacional “estar a atravessar uma crise extremamente dura”, o que “dificulta e retrai a intenção de investir”, embora não exclua o aparecimento de projetos alternativos interessantes.

“Vou abrandar”

Quanto às suas perspetivas pessoais, Patrick Monteiro de Barros desabafa: “Os anos passam, estou a caminho dos 70 e tive um problema sério de saúde, felizmente ultrapassado. Não me vou retirar, mas vou abrandar e ser mais seletivo.” No final do primeiro semestre, tratou de “passar o testemunho” na gestão da empresa de *trading* que fundou, a Argus. “Fica bem entregue, gerida pela equipa de *traders* que nela trabalham”, comenta.

Monteiro de Barros nasceu em França no ano em que acabou a Segunda Guerra Mundial. Reparte a sua vida entre Londres e os Estados Unidos, onde tem casa na Virgínia, mas costuma dizer que a sua terra é Cascais. Fala fluentemente várias línguas e aprendeu o negócio dos petróleo com Manuel Bullosa, que o colocou como administrador da petrolífera Sonap. Com as nacionalizações ocorridas depois de 1974, Monteiro de Barros foi trabalhar para os Estados Unidos, onde desenvolveu vários projetos industriais no sector petrolífero, entre os quais a reestruturação do grupo Tosco – feita em parceria com o seu sócio Tom O’Malley –, que chegou a ser o maior refinador independente dos Estados Unidos. No início da primeira década do século XXI, vendeu a Tosco ao grupo Phillips por 7,3 mil milhões de dólares (que na altura equivaliam a 5,5 mil milhões de euros). Também integrou o bloco de acionistas nacionais que detiveram uma participação na Petrolgal e que depois alienaram essa posição aos italianos da Eni – por indicação do Estado –, tendo como contrapartida o compromisso do Governo conceder aos vendedores um regime especial sobre as mais-valias obtidas. Hoje, praticamente não tem investimentos diretos em Portugal. Mas mantém a ligação ao grupo Espírito Santo.